MONÇÕES
REVISTA DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA UFGD

DOI: 10.30612/rmufgd.v12i24.16801

A Nossa Terra Devastada: A Crise do Ocidente em 1922 e 2022

Our Waste Land: The Crisis of the West in 1922 and 2022

La Nuestra Tierra Baldía: La Crisis de Occidente en 1922 y 2022

Magnus Kenji Hernandes Hübler Hiraiwa[1]
Pesquisador do Núcleo Brasileiro de Estratégia e Relações Internacionais (NERINT)
e pesquisador associado do Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE)
Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: magnus_kenji@hotmail.com
Orcid: https://orcid.org/0000-0002-2789-162X

Resumo: Em dezembro de 1922, T.S. Eliot (1888–1965) lançou a sua obra mais popular e influente: *The Waste Land*, um longo poema traduzido para o português como *A Terra Devastada*. Nele, o autor evoca imagens de um mundo infértil, despedaçado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), cuja possibilidade de reabilitação metafísica, ética, intelectual, afetiva e social é colocada em questão. Trata-se do retrato de um mundo em que os otimismos precedentes à Grande Guerra dão lugar à desorientação, à perda de significado, a imagens rompidas e à incapacidade de conexão com o outro. Se é possível argumentar que *The Waste Land* é um livro sobre a crise da consciência ocidental após a Primeira Guerra Mundial, sobretudo a consciência anglo-americana, também é razoável afirmar que se trata de uma obra sobre a crise ocidental contemporânea ao autor, incluindo as impressões subjetivas dela resultantes. No centenário da obra de T.S. Eliot, este artigo tem como objetivo explorar algumas aproximações potencialmente salutares entre esta e aquela época, ambas marcadas pelo que se pode denominar uma "crise do Ocidente".

1 Agradeço a Igor Estima Sardo pelas sugestões e pelo auxílio na revisão do texto.

Palavras-chave: Crise do Ocidente; The Waste Land; Comparação Histórica.

Abstract: In December 1922, T.S. Eliot (1888–1965) released his most popular and influential work: *The Waste Land*. The author evokes images of an infertile world, torn apart by the First World War (1914-1918), whose possibility of metaphysical, ethical, intellectual, affective, and social rehabilitation is put into question. It is a portrait of a world in which the optimism preceding the Great War gave way to disorientation, loss of meaning, broken images, and inability to connect with others. If one can argue that *The Waste Land* is a book about the crisis of Western consciousness after the First World War, especially the Anglo-American consciousness, one can also argue that it is a work about the Western crisis contemporary with the author, including its subjective impressions. In the centenary of T.S. Eliot's work, this writing aims to explore some potentially meaningful approximations between this and that time, both characterized by what can be called a "crisis of the West".

Keywords: Crisis of the West; The Waste Land; Historical Comparison.

Resumen: En diciembre de 1922, T. S. Eliot (1888–1965) publicó su obra más popular e influyente: *The Waste Land*, un largo poema traducido al español como *La tierra baldía*. En él, el autor evoca imágenes de un mundo estéril, desgarrado por la Primera Guerra Mundial (1914-1918), cuya posibilidad de rehabilitación metafísica, ética, intelectual, afectiva y social es cuestionada. Es un retrato de un mundo en el que el optimismo que precedió a la Gran Guerra dio paso a la desorientación, la pérdida de sentido, las imágenes rotas y la incapacidad de conectar con los demás. Si es posible argumentar que *The Waste Land* es un libro sobre la crisis de la conciencia occidental tras la Primera Guerra Mundial, principalmente la conciencia angloamericana, también es razonable decir que es una obra sobre la crisis de Occidente contemporánea al autor, incluidas las impresiones subjetivas resultantes. En el centenario de la obra de T.S. Eliot, este escrito pretende explorar algunos enfoques potencialmente saludables entre esta y aquella época, ambas marcadas por lo que puede denominarse una "crisis de Occidente".

Palabras clave: Crisis de Occidente; La tierra baldía; Comparación Histórica.

Recebido em: 14/02/2023

Aceito em: 11/07/2023

INTRODUÇÃO

Em dezembro de 1922, T.S. Eliot (1888–1965), um dos mais importantes representantes do modernismo literário, lançou a sua obra mais popular e influente: *The Waste Land*, um longo poema traduzido para o português como *A Terra Devastada.* Nela, T.S. Eliot evoca imagens de um mundo infértil, despedaçado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), cuja possibilidade de reabilitação metafísica, ética, intelectual, afetiva e social é colocada em questão. Trata-se de um retrato de um mundo em que os otimismos precedentes à Grande Guerra dão lugar à desorientação, à perda de significado, a imagens rompidas e à incapacidade de conexão com o outro (ELIOT, 2018).

Se é possível argumentar que *The Waste Land* é um livro sobre a crise da consciência ocidental após a Primeira Guerra Mundial, sobretudo a consciência anglo-americana, também é razoável afirmar que se trata de uma obra sobre a crise ocidental contemporânea ao autor, incluindo as impressões subjetivas dela resultantes (KENNER, 1949; RHEE, 2012; SYMONS, 2022). As múltiplas referências às obras tradicionais do cânone ocidental reforçam essa noção, à medida que estabelecem como eixo paradigmático as obras fundadoras do Ocidente, do ponto de vista cultural, mesmo que sejam apresentadas nas formas de críticas ou de ironias[2].

No centenário da obra de T.S. Eliot, este escrito tem como objetivo explorar algumas aproximações potencialmente salutares entre esta e aquela época, ambas marcadas pelo que se pode chamar de uma "crise do Ocidente". Metodologicamente, antes de um trabalho com uma tese a ser comprovada, trata-se de uma exploração temática: a crise do Ocidente em 2022 comparada com a crise do Ocidente em 1922. Embora a sua estrutura tenha como base uma comparação histórica, pretende-se incorporar uma visão generalista, a qual inclui o funcionamento e reprodução do capitalismo e as estruturas de poder e as instituições que servem de apoio à reprodução do sistema, assim como arranjos mentais sobre a intersecção entre economia, segurança e instituições, que, afinal, caracteriza as relações internacionais como campo de estudos. Destarte, neste trabalho, a dimensão teórica (geral) se entremeia com o histórico (particular) tendo em vista a aquisição de uma exploração satisfatória de ambos os períodos.

2 É representativo que *The Waste Land* inicie com uma epígrafe retirada do Satyricon de Petrônio:"Nam Sibyllam quidem Cumis ego ipse oculis meis vidi in ampulla pendere, et cum illi pueri dicerent: Σίβυλλα τί Θέλεις; respondebat illa: άπο Θανεΐν Θέλω." [Porque uma vez eu vi com meus próprios olhos a Sibila de Cumae pendurada em uma gaiola, e quando os meninos disseram: Sibila, *o que você quer?* ela respondeu *eu quero morrer.*] (ELIOT, 2018). O retorno à clássica sátira de Petrônio aqui não é gratuito. Se o autor romano se dedica a criticar os costumes da época de Nero remetendo às raízes gregas, T.S. Eliot coloca-se, voluntariamente ou não, como o sucessor espiritual anglo-americano do autor satírico, retornando ao cânone Ocidental (do qual Petrônio também faz parte) para estabelecer um comentário em cima do próprio cânone e, por conseguinte, da consciência ocidental de seu tempo.

A comparação serve como instrumento para encontrar as mediações do objeto (qual seja, ambas as crises), delimitando-se os pontos de encontro entre o geral e o particular. Espera-se que, desse modo, em que pese as deficiências da comparação, este artigo possa propor alguns padrões de reconhecimento que nos permitam pensar sobre o mundo hoje. Por último, convém salientar que este trabalho não pretende se apresentar como o comércio de categorias plenamente funcionais. As afirmações que realiza não são categóricas, mas sim, sugestivas. A finalidade é buscar aproximações e distanciamentos possíveis entre ambos os períodos para a compreensão dos desafios contemporâneos, em lugar de um argumento definitivo.

O artigo se divide em seis partes. Na primeira, pretende-se discutir o significado de "Ocidente" enumerando interpretações distintas acerca dos seus traços essenciais e propondo uma delimitação do que este significa. Na segunda, avançamos para uma abordagem da crise do Ocidente de um ponto de vista sistêmico, comparando a crise da hegemonia britânica e a crise da hegemonia estadunidense. A terceira parte elabora a dimensão econômica de ambas as crises, assim como alguns de seus impactos sociais. A quarta parte se dedica a explorar alguns aspectos culturais de ambas as crises. Depois, nos concentramos em realizar um paralelo possível entre a metáfora da "terra devastada" e a crise ambiental contemporânea. Em seguida, discute-se o papel do "Oriente" em ambos os períodos. A última parte é reservada a algumas considerações finais acerca da questão da crise do Ocidente.

O QUE É O "OCIDENTE"?

Antes de tudo, impõe-se uma reflexão terminológica: o que constitui o "Ocidente"? É imprescindível apontar que o "Ocidente" aparece de início como um objeto polissêmico e dependente daquele que o invoca. Para penetrar nesse invólucro, convém enumerar algumas interpretações distintas acerca do que constitui o "Ocidente".

A acepção mais trivial é a geográfica: há, na divisão geográfica do globo terrestre, um Ocidente e um Oriente, correspondente a dois hemisférios terrestres. Todavia, a concepção de um Ocidente e de um Oriente como tão somente a divisão geográfica correspondente nos parece limitada para o que pretendemos discutir. Primeiramente porque consiste em uma informação que pouco nos diz, do ponto de vista sociológico, político, ou econômico[3] – os pontos

3 Apesar da adoção da divisão geográfica comum do globo terrestre sobre o meridiano de Greenwich (Inglaterra) ter sido determinada por condições dessa natureza. A bem da verdade, o fato de que estas precedem e determinam a divisão estritamente geográfica confirma, de certa forma, que se trata antes de uma questão sociológica, política e econômica do que estritamente geográfica.

de vista que realmente nos interessam. Segundo porque a identificação com um "Ocidente" pode preceder qualquer critério estritamente geográfico de uso corrente.

Por isso, comecemos por um referencial relativamente conhecido do ponto de vista acadêmico, para dar início à discussão. Se quisermos interpretar o Ocidente como uma *civilização*, pode ser útil recorrer a Braudel (2005), que afirma que a civilização é como um certo passado vivo dotado de estruturas de longa duração (*longue durée*) que constituem traços antigos e originais, conferindo às civilizações a sua característica particular. Assim, poderíamos utilizar, por exemplo, a tipologia de Huntington (1996), de todo modo discutível[4], cujo critério é fundamentalmente cultural: a cultura baliza a identificação e definição de grupos que, em nível mais amplo, constituem *civilizações* — podendo-se divisar, a partir desse critério, um "Ocidente" dotado de características culturais próprias, do qual se exclui na classificação huntingtoniana a América Latina. Se adotarmos o critério cultural, o Ocidente pode ser caracterizado por quatro grandes tradições: a cultura clássica greco-romana; a religião cristã[5], em particular a sua vertente ocidental; e o iluminismo da era moderna. De modo que, se o Ocidente é uma constituição cultural, é uma constituição cultural de origem europeia (KURTH, 2004).

A imposição de um binômio *cultura-civilização* quando falamos do Ocidente não é invenção recente. De fato, a constituição da História Global (ou Universal) como um campo de estudos possui um longo fio formativo, do qual Huntington também faz parte, em que o binômio aparece frequentemente. Nesse sentido, convém iniciar com o alemão Oswald Spengler, no clássico *A Decadência do Ocidente*, publicada em sua edição definitiva em 1923[6], que parte dessa díade para falar sobre uma crise civilizacional no período em que escreve.

4 Não são poucos aqueles que criticam, através de múltiplas abordagens, as colocações de Huntington. As críticas incluem: o fato de que a teoria foi incapaz de prever os conflitos no século XXI; a questão de que a maior parte dos conflitos no período se deu dentro das civilizações propostas pelo autor; a sua dimensão normativa indutora de um confronto com o Oriente Médio e com a China; a errônea associação direta entre diferença e conflito; a carência de diferenças significativas entre uma ou outra localidade do ponto de vista de algumas posições; a omissão da interdependência e interação entre culturas; certo teor racista, sobretudo contra árabes e muçulmanos; o fato de que a generalização da democracia do ocidente não é um fenômeno histórico e que, portanto, contrastá-la com o não-ocidental seria um erro; o seu uso como justificativa para uma espécie de "destino manifesto" ocidental, entre outros (TIAN, 2022; FOX, 2005; MUNGIU-PIPPIDI; MINDRUTA, 2002; HENDERSON; TUCKER, 2001; SEN, 1999; RUSSETT et al, 2000; SAID, 2001).

5 A influência do judaísmo como tradição cultural é debatível. Embora a comunidade judaica esteja inegavelmente ligada à história ocidental, compreendo essa relação como ambígua. O povo judeu tem sido um alvo de perseguições ao longo de sua história e, frequentemente, sobretudo nos momentos de crise, a comunidade judaica foi entronizada como um tipo culpável e uma espécie de ameaça externa embrenhada nas sociedades ocidentais. Uma discussão mais profunda acerca da questão, apesar de relevante, fugiria aos propósitos deste escrito.

6 O primeiro volume foi publicado em 1918 e o segundo em 1922. Não seria justo, contudo, afirmar que a motivação para a obra originou-se da crise do pós-Primeira Guerra, posto o fato de que a obra havia começado a ser escrita já no início da década de 1910 e terminada antes do conflito.

Na obra de Spengler, as culturas evoluem por grandes períodos — o que aproxima a sua concepção daquela da longa duração de Braudel e que, aliás, influenciará de alguma forma a concepção do historiador francês (SPENGLER, 1973; BRAUDEL, 1968). Subjaz à reflexão de Spengler a criação de uma morfologia da História Universal, dotada de um teor filosófico, imprimindo certa dimensão teleológica à história ocidental. Spengler aponta o caráter não retilíneo do devir histórico, contrapondo-se, pois, à tese da centralidade do Ocidente e de seu constante progresso. O autor alemão destaca a existência de múltiplas culturas, cada qual com seus traços e evolução peculiares. Para o autor, cada cultura tem a sua própria civilização e as civilizações se modificam, nascem, florescem e declinam (SPENGLER, 1973, p. 47).

Para Spengler (1973), a Civilização é o resultado do devir da Cultura[7] quando esta atinge um ponto crítico. A Cultura sublima os vários costumes, mitos, técnicas, artes, povos e classes em uma única tendência histórica não difusa. Em uma nova fase do processo de transformação da sociedade, o estabelecimento da Metrópole entra em conflito com a Cultura definitivamente concluída, redundando na fase do Imperialismo (em sentido mais próximo de "expansionismo"), símbolo típico do fim de uma Civilização. Para o autor, no período em que escreveu, o Ocidente estaria passando por uma crise conforme essa concepção (SPENGLER, 1973). Destaco que um paralelo entre a obra de Spengler e The Waste Land (1922) não é original, como atesta Frye (1974).

Spengler foi um dos mais influentes autores contemporâneos a discutir o Ocidente, em especial sob a perspectiva de uma "crise". Convém, contudo, destacar alguns dos principais problemas de sua obra. O primeiro, mais grave, é sua filiação com o nazismo, que, além de tê-lo como associado durante algum tempo, incorporou a sua tese de declínio do Ocidente de maneira politicamente útil (DREHER, 1939). De modo que refletir sobre a obra de Spengler necessariamente implica considerar essa dimensão de sua tese. Outro problema é o determinismo, destacado, por exemplo, por Adorno, que faz uma apreensão crítica, apontando-a como deficiente, apesar de destacar algumas de suas virtudes (ADORNO, 1997). Lukács (1981), por sua vez, chamou a obra de "amadora", "pseudo-histórica" e "irracional".

Um dos primeiros autores a serem influenciados por Spengler foi o britânico Arnold J. Toynbee (1889-1975). Apesar de concordar com boa parte da tese de Spengler, Toynbee entendia que as propostas do autor alemão eram dogmáticas e deterministas — por isso, optou por uma abordagem mais empírica e menos apriorística. O resultado foi a obra *A Study*

7 Neste parágrafo, palavras iniciadas com a letra maiúscula correspondem a concepções específicas do autor acerca dos termos.

of History, publicada em onze volumes entre 1934 e 1961. Tal como Spengler, Toynbee optou por uma abordagem de longa duração. Para o autor, desafio e resposta eram a interação chave para entender a história: civilizações fluem como resultado de uma resposta positiva a determinado desafio e respostas subsequentes determinam o sucesso ou fracasso de uma civilização (PEREIRA, 2021).

Em relação à sua definição, para Toynbee, a Civilização Ocidental teria sido fruto da civilização Greco-Romana, nascida pelo incremento migracional ocorrido durante os três ou quatro séculos posteriores ao fim do Império Romano do Ocidente. Apesar de tentar ser menos determinista do que Spengler, o autor também previa o declínio da civilização Ocidental e partir de uma perspectiva baseada também em estágios. Por isso, foi criticado por Febvre, que destacou em sua obra as mesmas deficiências de Spengler, crítica ecoada também por Le Goff e Thies (PEREIRA, 2021).

É preciso destacar, nessa linha formativa, William H. McNeill (1917-2016), que focou nas interações e conexões entre as civilizações. Admirador de Toynbee, McNeill apontava entre as qualidades peculiares do Ocidente a receptividade e a liberdade que permitiam aos ocidentais adaptar invenções e criações de outras civilizações ao seu próprio interesse. A inovação de McNeill, contudo, está na concepção da civilização ante a sua interação com outras civilizações. De fato, para o autor, o principal fator de mudanças sociais historicamente significativas tem sido o contato com outras civilizações e, por isso, as interações entre os humanos têm sido a principal força motriz da história. Assim, as civilizações não se desenvolveram de forma isolada, mas sim em interação com outras. Mais um contraponto relevante está no destaque dado à expansão sem paralelo da influência do Ocidente nos últimos 250 anos, tanto do ponto de vista político quanto econômico e intelectual – ou seja, não ao "declínio" do Ocidente, mas sim à sua "ascensão". Deriva disso o título de sua principal obra, *The Rise of the West* (1963), contraponto deliberado a Spengler (MCNEILL, 1991).

A exposição dos últimos parágrafos teve como guia a formação da História Global como disciplina. A exposição figura importante, primeiro, porque é necessário atentar à linhagem da formação conceitual das diferentes lentes analíticas para evitar se filiar, involuntariamente, a alguns de seus "vícios de origem". Alguns autores, como Raymond Aron, Martin Wight, Hélio Jaguaribe e os já mencionados Fernand Braudel e Samuel Huntington absorveram alguns dos elementos de Spengler, Toynbee e McNeill, mantendo em especial a perspectiva civilizacional, comparada e de longa duração (PEREIRA, 2021).

Segundo, porque colabora para a nossa própria apreensão do Ocidente como conceito. Em que pese a elucidação de distintos elementos definidores do que é o Ocidente — bastante

discutíveis, como no caso de McNeill —, importa também, aqui, a ontologia: o Ocidente seria uma civilização e, como tal, deve ser visto, antes, na perspectiva da longa duração, em que os elementos culturais prevalecem como característicos. Se desenha, todavia, a questão: seu desenvolvimento é, de fato, intrínseco — seja com base no determinismo, no binômio desafio-resposta ou em outra forma de desenvolvimento? Em que medida a interação importa para definir a civilização Ocidental e seus contornos?

Edward Said, no clássico moderno *Orientalismo* (2007), partindo de outro ponto de vista, coloca a definição de um Ocidente em contraste com uma representação do Oriente, em certa medida, imaginada, criada para os propósitos de dominação, cuja base é, ao cabo, material. Essa definição nos aproxima de uma visão do Ocidente como uma espécie de formação cultural de base material oriunda da expansão capitalista europeia, em contraste como uma contraparte "Oriental", funcionando dialogicamente. Há de se levantar, sob esse ponto de vista, a possibilidade de qualificar o movimento como dialético, no que diz respeito à mútua definição dos conceitos, e derivar as consequências possíveis a partir, digamos, de uma lógica hegeliana. A proposta, por mais interessante que possa ser, demandaria trabalho à parte. Basta aqui levantar a possibilidade de considerar a relação de forma dialógica.

Completa-se isso como outro modo de interpretar o Ocidente, em seu sentido mais recente, associado aos países capitalistas, sobretudo os industriais avançados, que assumem o status de *ocidentais.* Nessa interpretação, o Ocidente moderno desfruta de certa simbiose com o legado europeu do que se denomina Ocidente, não somente no que diz respeito aos seus traços culturais, mas também políticos e econômicos. Porém, a centralidade da designação ocidental estaria em suas relações econômicas e políticas, sobretudo aquelas envolvendo as interações entre as principais economias capitalistas. Daí, normalmente, a atribuição da designação "ocidental" para se referir aos membros tanto da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), como gendarme político-securitário dos interesses desses países, quanto da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), seu fórum econômico (KURTH, 2004; MCNEILL, 2000).

O Ocidente, assim, corresponderia ao que se poderia denominar *Sistema Euro-atlântico*, centralizado na Europa e nos Estados Unidos. De modo que o Ocidente seria, conforme essa interpretação, uma constituição de natureza econômico-política, embora elementos culturais colaborem para oferecer pontos em comum para uma certa interpretação tanto acerca de um legado histórico quanto das possibilidades futuras (KURTH, 2004; MCNEILL, 2000). Nesse sentido, o Ocidente possui, ao mesmo tempo, um desenvolvimento intrínseco — baseado na reprodução política e econômica de suas sociedades — e um extrínseco — sua interação com

outras civilizações. Ambos estariam em constante interação, apesar da possibilidade de uma análise em separado de cada forma de desenvolvimento.

Uma última apreensão do "Ocidente" pode ser feita utilizando a acepção gramsciana de *hegemonia*[8]. A hegemonia, para Gramsci, é a capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social que não é hegemônico, mas sim marcado por profundas contradições de classe. Se em Gramsci a concepção das classes dominantes é hegemônica e seu objetivo é a dominação das classes subalternas, conformando uma ideologia dominante dotada de instituições próprias para o exercício e reprodução dessa ideologia (escola, igreja, serviço militar, meios de comunicação etc.) (GRAMSCI, 1996; GRUPPI, 1987), então, em certo sentido, uma formação cultural ocidental também seria uma formação que serviria à burguesia capitalista. Desse modo, com Gramsci é possível conectar a dimensão *cultural* à dimensão *material* de uma determinada formação social, permitindo-nos inferir que uma determinada cultura pode servir (e frequentemente serve) a interesses de classe — o que incluiria, também, a produção e reprodução de certa imagem do Ocidente e do ocidental.

Apesar da variedade de interpretações e debates, dos quais somente exploramos a superfície nos parágrafos acima, para falar de um "Ocidente", requer-se uma conceituação, mesmo que instável, que nos sirva como ponto de referência. Assim, o Ocidente pode ser definido como uma constituição de base material e expressão cultural, historicamente ligada à Europa, contemporaneamente associada à expansão e manutenção do capitalismo e centrada nas sociedades industriais avançadas. Em termos estritamente geográficos, o "Ocidente" pode ser delimitado pela Europa, América do Norte e Oceania, apesar da possibilidade discutível de inserção das Américas Central e do Sul.

Ante essa definição, uma discussão sobre o Ocidente pautada em tal conceituação tem de envolver, necessariamente, os dois elementos que lhe caracterizam: a sua base material, o que inclui, por um lado, a dimensão econômica do Ocidente, e, por outro, a dimensão da política nacional e internacional; e a sua expressão cultural, incluindo os seus valores. Assim, a nossa discussão necessariamente envolverá esses dois elementos constitutivos do Ocidente para os dois períodos em questão, 1922 e 2022. Incorporar-se-á também à discussão a questão ambiental e a relação entre a crise do Ocidente e o "Oriente", à medida que se afirma a possibilidade de que essa interação seria determinante para a compreensão do Ocidente. A construção histórica ligada à Europa e a sua conexão contemporânea com o capitalismo e com

8 Não confundir com a acepção de *hegemonia* que posteriormente será abordada, de inspiração gramsciana, mas cujo uso é bastante distinto.

as sociedades industriais avançadas parecem funcionar como os traços constitutivos particulares do Ocidente: a primeira pertencente ao que se poderia chamar de longa duração; a segunda, associada ao seu status atual. Munidos desta definição, nos precipitamos à discussão.

A CRISE DA HEGEMONIA BRITÂNICA E A CRISE DA HEGEMONIA ESTADUNIDENSE

Unreal City,
Under the brown fog of a winter dawn,
A crowd flowed over London Bridge, so many,
I had not thought death had undone so many.
(I. The Burial of the Dead[9][10]*)*

O critério material nos impele a direcionar o nosso olhar às estruturas econômicas e de poder características do Ocidente em 1922 e 2022. Quando se destaca o termo "crise" em ambos os períodos, emergem à consciência de imediato dois caracteres estruturais fundamentais, historicamente determinados: a hegemonia britânica e a estadunidense.

Ao tentar comparar ambas as épocas, de início somos confrontados com a mais significativa das diferenças: na dimensão política internacional, não passamos por um conflito mundial como foi a Primeira Guerra Mundial (1914–1918), com todas as suas abrangentes consequências. Em 1914 não havia uma grande guerra na Europa fazia um século, com exceção da Guerra da Crimeia (1854) — além disso, os conflitos envolvendo grandes potências tinham sido de curta duração, medidos na escala de meses e limitados a confrontos locais envolvendo um número reduzido de tropas. Havia ainda em 1914 certa esperança de que a "Grande Guerra" não apenas se apresentaria como uma solução aos problemas políticos europeus, mas também seria um conflito de curta duração. Contudo, a Primeira Guerra Mundial não apenas se estendeu por quatro longos anos, mas também despedaçou as tradicionais monarquias europeias[11], enterrou um império milenar decadente (o Império Otomano), catalisou a Revolução Russa de 1917 e provocou perdas humanas jamais vistas (ROYDE-SMITH, 2022; HOBSBAWAM, 1995).

9 Todas as citações introdutórias são retiradas de *The Waste Land* (1923) de Eliot (2018).
10 Na tradução de Caetano Galindo (ELIOT, 2018):
"Cidade Irreal,
Sob a névoa marrom de uma aurora de inverno,
Multidões afluíram à ponte de Londres, tantos,
Não sabia que a morte desfizera tantos.
(1. O Enterro dos Mortos)"
11 As três principais monarquias da Europa — a da Alemanha, a do Império Austro-Húngaro e a da Rússia — foram substituídas por repúblicas durante o período. A Albânia também se tornou uma república em 1925.

Para os britânicos, em particular, a Primeira Guerra Mundial, que lhe rendeu montes de corpos nas trincheiras continentais, representou o início do fim do século de *Pax Britannica* e de sua hegemonia econômica e militar. Politicamente, se, por um lado, a Primeira Guerra Mundial resultou em uma vitória da Entente, por outro, ela também indicava a falência da política externa tradicional inglesa para uma nova Europa, qual seja, a sua função de balanceador externo para assegurar o equilíbrio de poder no continente. A Alemanha unificada, em especial, passa a constituir o principal desafio para a manutenção da paz na Europa, à medida que enseja pretensões territoriais e econômicas não comportadas pelo sistema de poder do qual a Grã-Bretanha era um dos pivôs. Economicamente, durante a guerra, os Estados Unidos haviam ultrapassado o Reino Unido e se tornado não apenas o maior produtor mundial, mas também o maior credor. Em 1922, o Tratado Naval de Washington confirmou a passagem do bastão da liderança marítima de três séculos para os Estados Unidos; e em 1929, a Grande Depressão enterrou o liberalismo econômico, que dominou a forma da política econômica mundial durante o século de domínio britânico (KISSINGER, 2012; HOBSBAWM, 1995).

Não passamos por uma Guerra Mundial como foi a "Grande Guerra", com todas as suas múltiplas consequências. Contudo, destacar essa distinção não é dizer que não temos absorvido a deterioração nas relações internacionais durante os últimos anos e seus elementos correlatos. É justo afirmar que vivemos em um período de crise da hegemonia estadunidense, o que implica, pelo menos de início, uma comparação possível com a crise da hegemonia britânica no início do século XX (STUENKEL, 2017; 2018; VISENTINI, 2017, 2022).

O fenômeno, na perspectiva das Relações Internacionais, pode ser visto através de múltiplas lentes teóricas. Por exemplo, em relação à Primeira Guerra, Mearsheimer (2001), argumenta que ela se constituiu de um momento de multipolaridade desequilibrada e de tensão securitária na Europa — momento em que a Grã-Bretanha entra como "balanceador externo" contra uma possível hegemonia alemã na Europa continental. Os acontecimentos também indicariam os limites britânicos para administrar as tensões continentais e conter a emergência de novos competidores, como também argumenta Kissinger (2012). Quanto a hoje, Mearsheimer (2019) tem afirmado que o mundo está caminhando de um "momento unipolar", marcado pela tentativa de desenvolver uma "ordem internacional liberal" sob a liderança estadunidense na década de 1990, para a multipolaridade[12], caracterizada por um período de crise e declínio relativo do poder dos Estados Unidos. Essa transição também é marcada pelo declínio da ordem liberal, a retomada do papel do Estado e a ascensão de competidores como a China e a Rússia.

12 Ainda que Mearsheimer não diferencie em seu artigo (2019), é possível caracterizar a atual multipolaridade como equilibrada, isto é, com baixa propensão à guerra entre as Grandes Potências, diferente de um cenário de multipolaridade desequilibrada que caracterizou as guerras centrais do início dos séculos XIX e XX (MEARSHEIMER, 2001).

Se a interpretação de Mearsheimer (2019), nos parece, de início, pertinente — para os nossos propósitos, ela talvez seja limitada. Para conectar a dimensão política à dimensão econômica da crise do poder estadunidense, parece-nos adequado utilizar autores como Giovanni Arrighi (1996). Para o autor, em interpretação parcialmente derivada de Gramsci (2008 [1949]), a hegemonia pode ser vista como a capacidade de um Estado exercer funções de liderança e governo sobre um sistema de nações soberanas. Diferente da "dominação" pura e simples, a hegemonia é poder associado à dominação ampliada pelo exercício da "liderança intelectual e moral". Em outros termos, trata-se de uma conjugação entre coerção e consentimento. Deriva disso a introdução, por parte de Arrighi, do conceito de "caos sistêmico", situação de ausência de ordem que abre espaço para o estabelecimento de uma nova hegemonia.

Nessa perspectiva, a ordem internacional sob a liderança estadunidense — incluindo suas instituições, como as Nações Unidas, o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial — estaria passando por um período de "caos sistêmico", ou, no mínimo, um dissenso. Essa interpretação possui a vantagem de discutir a crise da hegemonia estadunidense colocando as suas instituições em perspectiva. Se é verdade que as instituições de governança mundial se espalharam e se organizaram por todo o mundo durante os últimos cem anos, também é verdade que o papel que elas têm exercido como mediadoras de conflitos parece ter perdido potência, sobretudo na última década e meia. Arrighi (1996), a bem da verdade, argumenta que já não se pode falar em hegemonia estadunidense desde 1973 e o fim de Bretton Woods. Hoje, movimentos reformistas ou não ocidentais — alguns originados já na década posterior ao colapso da União Soviética, como a Organização para Cooperação de Xangai (OCX) — e outros movimentos, derivados em parte da crise econômica de 2008 —tal como os BRICS —, revelam não apenas alguns limites da governança e das instituições multilaterais existentes, sobretudo aquelas mais intimamente associadas à hegemonia americana; mas também a emergência de novos atores e interesses a nível mundial capazes de contestar o poder (político e econômico) e os valores ocidentais (MEDEIROS; CATTELAN, 2016; STUENKEL, 2017; 2018; VISENTINI, 2017).

Durante a última década, a tendência ao surgimento de um mundo multipolar tem trazido de volta ao bojo das discussões públicas o fantasma do conflito entre grandes potências, o qual alguns pareciam ter esquecido ou ignorado em nome de uma narrativa milenarista[13]

13 Milenarismo (do latim mīllēnārius "contendo mil") é a crença de um grupo ou movimento religioso, social ou político em uma transformação fundamental da sociedade, após a qual "todas as coisas serão mudadas". Elemento integrante é a crença na possibilidade de um período de justiça, felicidade e paz. A referência, nesse caso, é ao otimismo nos anos 1990 em relação à democracia liberal e à unipolaridade, em especial a concepção de "fim da história", popularizada pelo argumento de Fukuyama (1989).

(STUENKEL, 2017; 2018; VISENTINI, 2017). Hoje, com as crescentes tensões entre China e Estados Unidos, além do desafio da Rússia na Ucrânia, é difícil negar que, durante os últimos vinte anos, o problema político mundial mudou de face — ou, pelo menos, se desvelou. Esse declínio da hegemonia estadunidense, é claro, espelharia, pelo menos em parte, aquele da hegemonia britânica, nos tempos de T.S. Eliot.

A CRISE ECONÔMICA E OS SEUS EFEITOS SOCIAIS

I think we are in rats' alley
Where the dead men lost their bones.
(II. A Game of Chess)
Here is no water but only rock
Rock and no water and the sandy road
The road winding above among the mountains
Which are mountains of rock without water
(V. What the Thunder Said[14])

Para Arrighi (1996), outro ponto fundamental é que a competição interestatal e o desenvolvimento do moderno sistema de governo estiveram estreitamente associados ao desenvolvimento do sistema capitalista de acumulação em escala mundial. Por meio da leitura do autor, é possível chegar à interpretação de que a crise de 2008 e a crise de 1929 constituem duas crises de *ciclos sistêmicos de acumulação* — a crise de 1929, do ciclo britânico; a de 2008, do ciclo estadunidense. A ideia de que ambas constituem, na verdade, de crises *terminais* do ciclo de acumulação foi levantada e afirmada por Sardo (2021), em trabalho recente. Sob esse ponto de vista, a crise seria irrevogável, ou melhor, seria a expressão plena da saturação do dinamismo econômico do ciclo estadunidense[15] — e não se engana a afirmação de que esta crise é também uma crise do capitalismo.

14 Na tradução de Caetano Galindo (ELIOT, 2018):
"Penso que estamos no beco dos ratos
Onde os mortos perderam os ossos.
(II. Uma Partida de Xadrez)"

"Aqui não há água, apenas rocha
Rocha sem água na via arenosa
A via que acima se enrosca entre os montes
Que são montes de rocha sem água
(V. O Que Disse o Trovão)"

15 Sardo (2021) argumenta que o que vem emergindo é, na verdade, um novo ciclo dicotômico entre China e Estados Unidos – um ciclo não hegemônico, por não conseguir ofertar um novo sistema financeiro mundial ordenado e por se acomodar a antigas instituições.

É preciso retornar, aqui, ao contexto econômico do pós Primeira Guerra Mundial. Durante os anos seguintes, a economia capitalista pareceu declinar de maneira irreparável. A crise capitalista do período haveria de condicionar muitos dos movimentos políticos de caráter contestatório na Europa e no mundo. Do México à China, em colônias e metrópoles, sopros de uma possível revolução mundial se tornaram tempestuosos. Desemprego e inflação eram fenômenos comuns na Europa da década de 1920 — e o fantasma da revolução social, que rondava a Europa pelo menos desde a primeira metade do século XIX, já havia encontrado eco no imenso território russo, aniquilando a monarquia Romanov e cindindo as suas relações com a Europa (HOBSBAWM, 1995; VISENTINI, 1989).

A geração que passou pela guerra foi, por um lado, uma geração traumatizada pelo conflito e, portanto, disposta a não se envolver novamente nesse tipo de empreitada, o que se reflete na forma dos tipos de arranjo político a nível internacional do período, sendo a Liga das Nações, fundada em 1919, o maior exemplo. Por outro lado, trata-se de uma geração que também tomou o conflito como elemento formativo positivo, a exemplo de Adolf Hitler e daqueles personagens que viriam a engrossar as fileiras da extrema-direita durante as duas décadas posteriores[16]. Ao mesmo tempo, trata-se de uma geração devastada pelo conflito, emocionalmente e por vezes fisicamente debilitada, sem perspectiva, solitária e frustrada (HOBSBAWM, 1995).

Embora a *Lost Generation* (geração perdida) tenha aparentemente vivido os anos 1920 na forma dos *Roaring Twenties* (loucos/felizes anos vinte), repleto de mudanças econômicas e efervescência cultural, o crescimento econômico não foi tão significativo quanto seria fácil supor. Ao contrário, na verdade. Além da destruição causada pela guerra, o desafio era transformar a economia de guerra em uma economia de paz — um processo pelo qual muitos países passaram com dificuldades[17] (ESTEVADEORDAL; FRANTZ; TAYLOR, 2003; TERZI, 2021; VISENTINI, 1989).

O crescimento da produção ocorreu sobretudo nos Estados Unidos, fato que dialoga com o declínio da importância do Reino Unido depois da Primeira Guerra. Alguns países europeus começaram a recuperar o dinamismo econômico somente na metade dos anos 1920 e tiveram o seu o crescimento interrompido pela crise de 1929. O período, ademais, apresentou

16 Segundo Hobsbawm (1995) (p. 34): " [...] os ex-soldados que haviam passado por aquele tipo de guerra sem se voltarem contra ela às vezes extraíam da experiência partilhada de viver com a morte e a coragem um sentimento de incomunicável e bárbara superioridade — inclusive em relação a mulheres e não combatentes — que viria a formar as primeiras fileiras da ultradireita do pós-guerra. Adolf Hitler era apenas um desses homens para quem o fato de ter sido *frontsoldat* era a experiência formativa da vida."

17 Destaca-se o exemplo do problema hiperinflacionário na Alemanha, além da crise na Itália diante da falência de indústrias nacionais (ESTEVADEORDAL; FRANTZ; TAYLOR, 2003; TERZI, 2021; VISENTINI, 1989).

CC BY NC SA

um crescimento relativamente baixo em comparação com o boom econômico após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Politicamente, o Plano Dawes (1924), o Tratado de Locarno (1925) e a entrada da Alemanha na Liga das Nações (1926) apaziguaram temporariamente as tensões dentro da Europa e contribuíram para um clima otimista durante o período – clima que, é claro, seria frustrado pela crise de 1929, que demonstraria que a paz europeia não passava de uma ilusão. Culturalmente, tivemos o Bauhaus, o Expressionismo, a Era do Jazz, mas o impacto econômico da Primeira Guerra Mundial persistiu na *Lost Generation*. De forma que é possível afirmar que os *Roaring Twenties* só foram, de certa forma, "roaring", por não serem os anos 1910 (ESTEVADEORDAL; FRANTZ; TAYLOR, 2003; TERZI, 2021; VISENTINI, 1989).

O grande momento de inflexão econômica viria em 1929, mas é preciso notar, feitas essas considerações, que os anos 1920 não foram particularmente otimistas em termos econômicos. A situação econômica no período colaborou para efeitos sociais substantivos, dentre os quais pode se incluir a ascensão do fascismo e diversas formas de luta social. De modo que, se a comparação entre 1922 e 2022 nos parece assimétrica considerando a fase histórico-econômica que lhe corresponde (pós e pré-crise terminal, pela nossa perspectiva), ambas se situam em um contexto de crise econômica a nível mundial.

Embora a crise de 2008 tenha ecoado no Brasil de forma indireta e tardia, para os outros países, o acontecimento expressou de maneira mais imediata os problemas da economia global. Desde então, o relativo declínio da economia mundial — ou melhor, da economia mundial ligada à liderança estadunidense — tem tensionado as relações de classe, resultando no retorno ou dramatização do conflito social e as suas diversas expressões (FEDERAL RESERVE HISTORY, 2013; MASSA, 2009; MERLE, 2018; FREITAS, 2009; SILVA, 2014).

Visentini (2021) elabora acerca da crise ocidental recente, em sua dimensão econômica, afirmando que essa, de fato

> iniciou com a desconstrução gradual da modernidade keynesiana e de seu Estado de Bem-Estar Social, um retorno ao liberalismo (agora globalista) e uma arrasadora Revolução Tecnológica, que decompôs o antigo mundo do trabalho e os mecanismos de comunicação. (VISENTINI, 2021, p. 11).

Para o autor, neste mundo, desaparecem os empregos formais, ocorrendo uma fragmentação horizontal e uma centralização vertical nas mãos de corporações virtuais. Do ponto de vista político, há a volatilidade dos sistemas políticos e ideológicos, ante uma esquerda confusa e um fácil avanço liberal-conservador. O avanço, carente de foco estratégico, gera políticas, de natureza neoliberal, que estariam enfraquecendo as próprias bases do capitalismo.

Ainda segundo o autor, a fragmentação da sociedade, dos temas coletivos e das macro-ideologias estruturantes deu lugar ao niilismo e ao surgimento de guetos, que buscam alguma identidade. Também é adequado mencionar que a desigualdade no desenvolvimento mundial, a desregulamentação e certas políticas de acolhimento estimulam migrações, pressionando o sistema econômico já desgastado (VISENTINI, 2021).

A Era Trump (2016-2020) parece espelhar muitas dessas mudanças políticas e econômicas no seio da sociedade estadunidense[18]. Os Estados Unidos vêm se recuperando desde 2008, mas a crise econômica representou um choque para parte considerável da população, sobretudo se considerarmos que o emprego e renda voltaram somente a uma normalidade módica durante os primeiros anos da década de 2010 (FEDERAL RESERVE HISTORY, 2013; MASSA, 2009; MORAES, 2017). A questão fiscal estadunidense, já problemática antes da crise, chegou a níveis dramáticos no período posterior[19]. Em parte por essa razão, o dólar tem passado por problemas de credibilidade, o que contribui para a busca por alternativas financeiras no âmbito internacional (FEDERAL RESERVE HISTORY, 2013; MASSA, 2009; MORAES, 2017).

Politicamente, Pecequilo (2017) argumenta que vem ocorrendo uma cisão nos Estados Unidos pelo menos desde o fim da Guerra Fria, mesclando a tendência à manutenção das linhas clássicas dos partidos, em termos de política interna e, em alguma medida, de política externa, e a polarização destas agendas e a busca de novas imagens, pessoas e retóricas. Barack Obama (2008-2016), que ascendeu ao poder no auge da crise econômica, sustentou seu discurso como o representante de uma "nova política"; e em 2016, Bernie Sanders, por um lado, e Trump, por outro, representaram encarnações de uma política de "renovação agressiva", oriunda dos problemas manifestados durante a era Obama (PECEQUILO, 2017).

O slogan "Make America Great Again" talvez tenha algo a dizer sobre o pensamento dos eleitores de Trump: subjaz a ideia de que havia uma América antes, grande; e uma América hoje, apequenada. No movimento, há o ímpeto pela preservação do poder pelo grupo tradicional branco, anglo-saxão e protestante (*White Anglo-Saxon Protestant*), mas também ocorre o acréscimo de forças radicais recentes compostas por uma população branca, mais pobre, religiosa e com pouco acesso à educação. O sentido do discurso — antimigratório, anti-iden-

18 Preferi utilizar os EUA como exemplo tanto pela centralidade do país quanto pela familiaridade geral com sua dinâmica interna. Reconheço que, a respeito de vista dos impactos da crise, a periferia do sistema sente os abalos de forma mais aguda, mas o fato de que os próprios EUA tem manifestado um fenômeno contestatório dessa natureza expressa bem os impactos da crise econômica e como tais impactos se manifestam politicamente.

19 Para uma discussão mais aprofundada sobre a economia estadunidense após a crise de 2008, ver Moraes (2017) e Osmani (2017).

titário e anti-minorias — pode ser explicado em parte por um ressentimento desses grupos em relação aos avanços de camadas tradicionalmente subalternas, enquanto aqueles se sentem alienados e esquecidos. Uma grande parte das opiniões desses eleitores não passam de quimeras, mas a crise econômica foi e ainda é um fenômeno inegavelmente real e de graves consequências[20] (PECEQUILO, 2020).

Nessa linha, vale destacar a emergência de um debate acerca do processo de "desconsolidação democrática", levantada mais proeminentemente por Foa e Mounk (2017a) após as eleições de Trump. Os autores argumentam que a insatisfação crescente com a democracia nos Estados Unidos, diferente de ser somente um aumento das expectativas em relação ao governo, constitui uma crítica à democracia liberal em si. Mais importante do que isso, com base nos dados do *World Values Survey*, os autores apontam que essa insatisfação é um fenômeno global, verificável até mesmo em democracias "consolidadas" — leia-se, ocidentais. Os autores também demonstram a existência de uma maior abertura a interpretações autoritárias da democracia em muitos países tradicionalmente democráticos (FOA; MOUNK, 2017a).

Para Foa e Mounk (2017a), essas mudanças de opinião já são preocupantes em si, mas preocupa ainda mais o fato de que elas cada vez mais se refletem no comportamento político efetivo. Segundo os autores, as atitudes e discursos têm assumido formas cada vez mais antidemocráticas: passou-se a culpar o *establishment*, propagam-se tentativas de centralização de poder no executivo e disseminam-se desafios às normas da democracia. A vitória de Trump e seus partidários, portanto, não seria uma aberração temporária ou geográfica; tampouco a assunção de mecanismos de correção seriam capazes de retornar ao *establishment* de uma fase anterior. Pelo contrário: a vitória de Trump colocaria em dúvida a confiança que os cientistas sociais expressaram durante muitas décadas na estabilidade das supostas democracias liberais "consolidadas"[21] (FOA; MOUNK; 2017a).

Diante dessas considerações, é compreensível que a palavra "fascismo" tenha retornado ao debate contemporâneo. A ascensão da extrema direita explica-se, em parte, porque muitos daqueles fenômenos presentes em 1922 retornam hoje com outra feição, mas retendo parte de sua essencialidade. Para a Alemanha dos anos 1920, a guerra, a humilhação em Versalhes, e a situação econômica na década de 1920 e 1930 eram bastante reais; tal como hoje são os efeitos da crise de 2008 e os abalos na hegemonia estadunidense.

20 Destaco também os apontamentos de Eckersley (2012) sobre uma onda crescente de pessimismo nos Estados Unidos e na Austrália, incluindo uma sensação de declínio e preocupações relativas às novas gerações, que também têm apresentado níveis elevados de problemas psicológicos, oriundos, em parte, conforme o autor, das mudanças sociais desde o fim da Guerra Fria.

21 Para um debate mais completo, veja a proposição original Foa e Mounk (2016; 2017a), os seus críticos Alexander e Welzel (2017) e Norris (2017) e a tréplica dos autores em Foa e Mounk (2017b).

Por isso, é questionável tratar o fascismo e o nazismo como fenômenos resultado de uma espécie de loucura, o antissemitismo e a xenofobia como manifestação doentia de um preconceito histórico passageiro ou algum elemento psicológico qualquer. O que por vezes se ignora no fenômeno da extrema-direita é sua compreensibilidade para além da aparência e a sua inserção em condições específicas que pouco têm de sobrenaturais. A influência do fascismo e do nazismo não é redutível, digamos, à manipulação pelo discurso, do qual hoje seríamos capazes de nos esquivar por sermos de alguma forma mais iluminados; assim como o ponto de interrogação na frente das instituições não veio — e nem vem hoje — de fontes extraterrenas.

A CRISE CULTURAL DO OCIDENTE

To Carthage then I came

Burning burning burning burning
O Lord Thou pluckest me out
O Lord Thou pluckest

burning
(III. The Fire Sermon[22])

Se focarmos nas tradições culturais fundamentais do Ocidente, nos parece lícito falar também em uma crise cultural. Retornemos àqueles elementos essenciais elencados por Kurth (2004): a cultura clássica greco-romana; a religião cristã, em particular a sua vertente ocidental; e o iluminismo da era moderna. Parece-nos adequado dizer que a tradição iluminista é hoje a mais abalada, o que se explica em grande medida pela própria crise da hegemonia estadunidense. A cultura clássica greco-romana, já um tanto esotérica há pelo menos cinco décadas (KURTH, 2004), parece ter sido absorvida em seus traços pelo próprio iluminismo (ex. republicanismo). Resta, diante da crise do iluminismo liberal, uma fuga em direção a uma recuperação do cristianismo como pedra de toque do Ocidente moderno — tal como faria o

22 Na tradução de Caetano Galindo (ELIOT, 2018):
"A Cartago então cheguei
Queimando queimando queimando queimando
Ó Senhor Tu me arrebatas
Ó Senhor arrebatas

queimando
(III. O Sermão do Fogo)"

próprio T.S. Eliot nos anos 1930, ao recuperar a tradição anglicana como norte filosófico, o que é possível verificar sobretudo em *Ash Wednesday* (publicado em 1930) (ELIOT, 2018).

A representação política dessa tendência cultural parece ser o conservadorismo em sua forma especificamente cristã. A retomada de popularidade de grupos ligados a alguma forma de conservadorismo religioso é um fenômeno comum em diversos lugares do mundo ocidental. Na América Latina, convencionou-se chamar de "maré azul" o fenômeno de ascensão de lideranças conservadoras na região desde meados dos anos 2010 (CARMO, 2017; NOEL, 2015), mas a ascensão do conservadorismo ultranacionalista também é vista em numerosos países da Europa (EUROPE, 2019), inclusive em detrimento de forças conservadoras tradicionais (BALE; KALTWASSER, 2021).

Retomando a interpretação gramsciana, é possível propor a reflexão de que essa crise "cultural" está interligada com uma crise da própria hegemonia (no sentido originalmente formulado) e, portanto, uma crise sistêmica. Trata-se de um caminho reflexivo possível acerca dos movimentos da cultura nos últimos tempos. Embora o status hegemônico da burguesia seja, em parte, determinado localmente, pelas condições específicas de cada formação social, o fato de que é possível testemunhar movimentos contestatórios em múltiplas localidades do sistema sugere que estes não podem ser reduzidos ao âmbito local.

A CRISE AMBIENTAL, UMA TERRA DEVASTADA LITERAL

The river's tent is broken: the last fingers of leaf

Clutch and sink into the wet bank. The wind
Crosses the brown land, unheard. The nymphs are departed.
Sweet Thames, run softly, till I end my song.
(III. The Fire Sermon[23])

Também estamos passando por uma espécie de "waste land" literal. As crises ambientais, em particular o que se denomina mudança climática, é um dos maiores desafios de nossa

23 Na tradução de Caetano Galindo (ELIOT, 2018):
"Partiu-se a tenda do rio; os últimos dedos de folhas
Prendem-se e afundam na úmida margem. O vento
Cruza a terra escura, ouvido por ninguém. As ninfas se foram.
Corra suave, doce Tamisa, até acabar minha canção.
(III. O Sermão do Fogo)"

geração, trazendo impactos em praticamente todos os âmbitos de nossas vidas. Em artigo recente para o *The Guardian*, Hambling (2022) realiza esta mesma aproximação: as imagens que T.S. Eliot evoca em *The Waste Land* parecem ser assustadoramente parecidas com aquelas que o futuro parece reservar. Embora a fala do autor sobre uma "terra devastada" seja metafórica, é interessante notar que a existência real de uma crise no meio-ambiente bem pode trazer sentimentos que nos aproximam subjetivamente da "terra devastada", depreendidos os anacronismos da consideração.

A preocupação com o meio-ambiente era um tema de pouca relevância nos debates internacionais até meados do século XX, apesar da existência prévia de alguma preocupação de teor preservacionista oriunda da revolução industrial, traduzida em algumas iniciativas e movimentos, sendo possível citar o romantismo alemão, algumas formas de naturalismo e o preservacionismo de iniciativas isoladas. A constatação da ameaça iminente de esgotamento ou deterioração dos recursos naturais em escala planetária ante o avanço civilizacional indiscriminado, de consequências nefastas para a continuidade do próprio planeta, impeliu avanços teóricos e práticos ao longo das últimas décadas. Porém, é claro que esses avanços caminham juntos não apenas com a continuidade da exploração do planeta, mas também com um clima de ansiedade crescente resultante das recentes descobertas acerca do clima (BECKER, 2012; NAÇÕES UNIDAS, 2022?).

Vale aqui apontar que a mudança climática inclui consequências sociais graves já indicadas pela história. As mudanças climáticas estão frequentemente associadas a ciclos prolongados de fome e migrações em massa, que colaboram para a alteração do sistema de crenças e, assim, a erosão social. A título de exemplo, menciona-se os impactos da Grande Seca do nordeste brasileiro (1877–1879) e o ciclo das secas (1891, 1897-98, 1899-1900), que contribuiu na formação do substrato para movimentos de mudança social na região, a exemplo de Canudos e de Juazeiro; assim como as mudanças ambientais no norte da China em meados do século XIX, que foram precedentes importantes da Rebelião Taiping (1850-1864) (DAVIS, 2002).

O apontamento indica que a questão ambiental não é somente técnica, mas também, política. Se nos debruçarmos sobre a emergência do debate climático contemporâneo, o problema se desenhou já em 1972, na pioneira Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (Conferência de Estocolmo), em que o debate preservacionista-desenvolvimentista-conservacionista veio à tona. Por mais que avanços, como o Relatório "Nosso Futuro Comum" ou Brundtland (1987) tenham compatibilizado visões distintas sobre desenvolvimento entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, não deixa de ser, de certo modo anódinas algumas das iniciativas ante as graves contradições entre um centro capitalista, que

já passou pelo seu processo de desenvolvimento em um período em que as críticas ambientais não eram questão relevante, e uma periferia e semiperiferia que desejam a aquisição de uma economia desenvolvida, em um mundo em que a crise ambiental ganha contornos de agenda global e é, de todo modo, incontornável (BECKER, 2012; NAÇÕES UNIDAS, 2022?).

Se, por um lado, triunfou a concepção de desenvolvimento sustentável e foi possível testemunhar avanços positivos na questão ambiental, tanto do ponto de vista técnico (a tecnologia verde) quanto político (as conferências climáticas, por exemplo); por outro, a natureza do sistema não tem permitido a distribuição equitativa desses mesmos avanços e as divergências políticas ainda não permitem otimismos. Hoje, mais do que nunca, a interrogação acerca da possibilidade de reabilitação do ambiente ante a ação destrutiva do homem paira sobre todos — sobretudo os decisores políticos. Trata-se de um problema cuja conclusão ainda é uma incógnita.

OCIDENTE E ORIENTE: A CRISE GANHA UM CULPADO

Datta. Dayadhvam. Damyata.
Shantih shantih shantih
(V. What the Thunder Said[24])

Diferente de *The Waste Land*, em que o Oriente emerge ora como contraste, ora como renovação — para resolver a crise do cânone, ou oferecer alguma resposta a favor da reabilitação espiritual através de um tipo de peregrinação expiatória pelas religiões orientais (KURIAKOSE, 2016) —, o Oriente, hoje, é visto como algoz da crise. Como bem aponta Visentini (2021), a designação de um Oriente como "o outro, o diferente, o inferior, mas também o ameaçador, o culpado" (p. 13) já assumiu diversos matizes ao longo da história:

> [...] Já foi o "perigo amarelo" com o Japão após Pearl Harbor, depois foi a China de Mao, a Coreia do Norte de Kim e, finalmente, o Vietnã que derrotou os EUA. Mas, além de alguns desses, o perigo também era "vermelho" na URSS e no leste da Europa, em que o socialismo ("comunismo") também era encarado como uma "ameaça oriental", apesar de Marx e Engels serem alemães... Por fim, o ativismo islâmico, algo estimulado pelos anglo-americanos contra a modernização republicana no Oriente

24 O trecho não é traduzido por Caetano Galindo (ELIOT, 2018). O uso dos termos em sânscrito, como explica o próprio Eliot (2018) nas notas a The Waste Land, vem dos Upanixades, parte das escrituras Shruti do hinduísmo. "Datta, dayadhvam, damyata" significa "dê, empatize, controle"; Shantih é um final convencional de um Upanixade, equivalente a "A Paz que ultrapassa a compreensão".

> Médio e contra os soviéticos no Afeganistão, se tornou um "perigo verde". Hoje, "a ameaça do Oriente" tem seu pivô na China, e é vermelha, amarela e, com a aliança chinesa com o Irã e os talibãs, pode ser também um pouco verde (VISENTINI, 2021, p. 13).

Não há, pois, nenhuma originalidade na busca pelo Oriente como ameaça. Vale retornar àqueles autores supracitados que apontam o Ocidente como resultado de uma interação em que o outro reforça tendências entre o dentro e o fora. O traço original deste tempo é que, pela primeira vez na história da formação de um sistema internacional integrando todas as regiões do mundo, a hegemonia está sendo disputada não por um país anglo-saxônico ou europeu, mas por um país oriental – a China. Assim, a recuperação do oriental como uma espécie de inimigo externo adquire um lado inteiramente novo no discurso ocidental, à medida que se assenta na disputa pelo futuro da ordem internacional, suas regras e seu funcionamento.

Essa disputa, é claro, não ocorre somente no nível do discurso. Bem antes da crise oriunda da pandemia, que pôs à prova o modelo ocidental capitalista de promoção de bens públicos e disseminou críticas ocidentais à gestão pandêmica de países como a China, os Estados Unidos têm reagido à ascensão chinesa há pelo menos uma década. Inicialmente, após a crise de 2008, pela política do *Pivô da Ásia* (2011), a manutenção das tropas no Japão e na Coreia e a criação do Comando Militar do Indo-Pacífico, que estreitou as alianças com Índia, Austrália e Nova Zelândia, além de buscar desgastar a cooperação sino-nipo-sul coreana através da Parceria Trans-Pacífica; depois, por meio de uma guerra comercial entre China e Estados Unidos, assim como uma tentativa de Revolução Colorida em Hong Kong. Essas pressões não se limitam somente a ataques diretos à China e seus principais parceiros, mas também àqueles que veem na aproximação política e econômica a possibilidade de aquisição de vantagens de toda sorte (VISENTINI, 2021).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

I sat upon the shore
Fishing, with the arid plain behind me
Shall I at least set my lands in order?
London Bridge is falling down falling down falling down
(V. What the Thunder Said[25])

25 Na tradução de Caetano Galindo (ELIOT, 2018):
"Sentei-me na praia
Pescando, com árida planície através de mim
(V. O que Disse o Trovão)"

A comparação entre dois períodos históricos tão distintos pode nos puxar em direção a anacronismos, falsos paralelos e outros problemas. Ademais, a própria definição de Ocidente que utilizamos aqui pode (e deve) ser colocada em questão. Contudo, o exercício da comparação, mesmo que precário, pode auxiliar a compreender algumas das agonias de nosso tempo. Se, por um lado, não parece haver razões suficientes, do ponto de vista metodológico, para inserir toda a complexa e diversa experiência de uma época em uma mistura qualquer, pendurar nela predicados e pôr termo à discussão; por outro, não há razão para não nos debruçarmos sobre os dois períodos para refletir acerca dos motivos de nossas apreensões. O que este escrito oferece não é senão algumas pistas acerca de como pensar sobre o que vivemos sob uma perspectiva comparada.

É possível dizer que a frustração, a desorientação e a perda de significado, tão comuns entre muitos contemporâneos, se relacionam com a experiência de viver em uma época marcada por acontecimentos e condições específicas que impactam em nossa interpretação do mundo e que, ao menos em parte — e é isso que vale apontar — se aproximam daqueles acontecimentos e condições que marcaram o início do século passado. Não há, convém dizer, nenhuma grandeza nessa constatação. A deterioração econômica, política e social dos últimos anos, agravada com a pandemia de COVID-19, não nos trouxe nenhum consolo; e as possibilidades para o nosso futuro, apesar do otimismo de alguns, parecem melancólicas.

Por outro lado, ainda que seja possível afirmar que existe uma crise, a capacidade adaptativa do capitalismo e da política também nos impele a questionar em que medida o Ocidente será capaz de se adequar aos imperativos dessa nova era. Há de se pensar, nesse sentido, se a ordem internacional em câmbio, em lugar de derivar para uma confrontação, caminhará para uma transição pactuada e cumprirá as promessas da globalização que o liberalismo não cumpriu — quais sejam, um mundo de livre circulação de mercadorias, capitais e tecnologia que caminhará rapidamente para a circulação de pessoas e o bem-estar implícito. Os investimentos em infraestrutura a nível regional e mundial, sob a égide de um Estado que reassume seu papel protagônico, bem podem ter funções positivas sob esse ponto de vista. É lícito vislumbrar também uma transição intermediária, em que confrontação e cooperação aparecem na mesma medida.

Não há ponto final na história. Para muito além de T.S. Eliot, há outros cantos, velhos e ainda por vir, mais adequados às nossas presentes apreensões e aspirações. Cabe questionar: somos mesmo integrantes do Ocidente? A quem devem se direcionar as nossas elaborações? Antes de assumirmos a letargia e o niilismo, há possibilidades imensas e desafios igualmente complexos com os quais somente poderemos lidar se houver reflexão. Se, de fato, *London bridge is falling down* (a ponte de Londres está caindo), é nossa tarefa pensar e propor novos caminhos.

CC BY NC SA

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. *Prisms*. Cambridge: MIT Press, 1997.

ALEXANDER, Amy C.; WELZEL, Christian. The myth of deconsolidation: Rising liberalism and the populist reaction. *ILE Working Paper Series*, 2017. Disponível em: https://www.semanticscholar.org/paper/The-Myth-of-De-Consolidation%3A-Rising-Liberalism-and-Welzel-Alexander/1d29eb86da4deefa2ffbe6ff4d099c3b62c0c7ce. Acesso em: 22 abr. 2023

ARRIGHI, Giovanni. *O Longo Século XX:* dinheiro, poder e as origens de nosso tempo. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

BALE, Tim; KALTWASSER, Cristóbal Rovira. Riding the populist wave: Europe's mainstream right in crisis. *London School of Economics (LSE)*, 13 set. 2021. Disponível em: https://blogs.lse.ac.uk/europpblog/2021/09/13/riding-the-populist-wave-europes-mainstream-right-in-crisis/. Acesso em: 26 jun. 2022.

BECKER, Bertha. *Manual do candidato:* geografia/ Bertha Becker; apresentação do Embaixador Georges Lamazière. Brasília : FUNAG, 2012.

BRAUDEL, Fernand. *Gramática das Civilizações***.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BRAUDEL, Fernand. *La Historia y las Ciencias Sociales***.** Madrid: Alianza Editorial, S. A., 1968.

CARMO, Marcia. Onda conservadora na América do Sul passa por 'teste' em eleições no Equador. *BBC Brasil*, Buenos Aires, 2 abr. 2017. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39459751. Acesso em: 26 jun. 2022.

DAVIS, Mike. *Holocaustos Coloniais*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DREHER, Carl. Spengler and the Third Reich. *The Virginia Quarterly Review,* Spring 1939.

ECKERSLEY, Richard. 2012. Whatever happened to Western Civilization: The cultural crisis, 20 years later. *The Futurist*, vol. 46, no. 6, Nov-Dec, pp. 16-22.

EUROPE and right-wing nationalism: A country-by-country guide. *BBC News*, 13 nov. 2019. Disponível em: https://www.bbc.com/news/world-europe-36130006. Acesso em: 26 jun. 2022.

ELIOT, T.S.. *Poemas.*Organização, tradução e posfácio: Caetano W. Galindo. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ESTEVADEORDAL, Antoni.; FRANTZ, Brian; TAYLOR, Alan M.. The Rise and Fall of World Trade, 1870-1939. *The Quarterly Journal of Economics*, vol. 118, n. 2, p. 359–407, 2003.

FOX, Jonathan. Paradigm Lost: Huntington's Unfulfilled Clash of Civilizations Prediction into the 21st Century. *Int Polit*, n. 42, p. 428–457, 2005.

FEDERAL RESERVE HISTORY. *The Great Recession and Its Aftermath.*Federal Reserve History. [S.l.], 22 nov. 2013. Disponível em https://www.federalreservehistory.org/essays/great-recession-and-its-aftermath#:~:text=Effects%20on%20the%20Broader%20Economy,-The%20housing%20sector&text=The%20decline%20in%20overall%20economic,recession%20since%20World%20War%20II. Acesso em: 26 abr. 2022.

FOA, Roberto Stefan; MOUNK, Yascha. The Danger of Deconsolidation: The Democratic Disconnect". *Journal of Democracy*, vol. 27, no. 3, pp. 5-17, 2016.

FOA, Roberto Stefan; MOUNK, Yascha. The signs of deconsolidation. *Journal of Democracy*, v. 28, n. 1, p. 5-15, 2017a.

FOA, Roberto Stefan; MOUNK, Yascha. The End of the Consolidation Paradigm: A Response to Our Critics. *The Journal of Democracy Web Exchange*, April, 2017b. Disponível em: https://api.repository.cam.ac.uk/server/api/core/bitstreams/69e2a91e-3dc0-4af4-9326-1460c1d85c1a/content Acesso em: 22 abr. 2023.

FREITAS, Maria Cristina Penido de. Os efeitos da crise global no Brasil: aversão ao risco e preferência pela liquidez no mercado de crédito. *Estudos Avançados* [online],v. 23, n. 66, p. 125-145, 2009.

FRYE, Northrop. "The Decline of the West" by Oswald Spengler. *Daedalus*, vol. 103, n. 1, p. 1–13, 1974.

FUKUYAMA, Francis. The End of History?. *The National Interest*, n. 16, 1989, pp. 3–18.

GRAMSCI, Antonio. *Note sul Machiavelli sulla politica e sullo stato moderno*, 3. ed. Roma : Editori riuniti, 1996 (2008).

GRUPPI, Luciano. *O Conceito de hegemonia em Gramsci.* Rio de Janeiro: Graal, 1987.

HAMBLING, David. TS Eliot's The Waste Land issues weather warning for our times. *The Guardian*, [S.l.], 2 abr. 2022. Disponível em: https://www.theguardian.com/news/2022/apr/16/ts-eliot-the-waste-land-weather-warning-century-modernist-poem. Acesso em: 26 jun. 2022.

HENDERSON, Errol A.; TUCKER, Richard. Clear and Present Strangers: The Clash of Civilizations and International Conflict.*International Studies Quarterly*, v. 45, n. 2, pp. 317–38, 2001.

HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Extremos: o breve século XX:* 1914-1991.São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUNTINGTON, Samuel P. *The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order.* Nova Iorque: Simon & Schuster, 1996.

KENNER, H.. Eliot's Moral Dialectic. *The Hudson Review*, vol. 2, n. 3, p. 421–448, 1949.

KISSINGER, Henry. *Diplomacia.* São Paulo: Saraiva, 2012.

KURIAKOSE, John. The Waste Land: Eliot's Expiatory Pilgrimage from Church to Pagoda.*Advances in Language and Literary Studies*, vol. 7, no. 4, p. 158, 2016.

KURTH, James. Western Civilization, Our Tradition. *The Intercollegiate Review*, Outono de 2003/Verão de 2004.

LUKÁCS, György. *The Destruction Of Reason*. New Jersey: Humanities Press Inc/Londres: The Merlin Press, 1981

MASSA, Isabella. *The impact of the global financial crisis:* What does this tell us about state capacity and political incentives to respond to shocks and manage risks? Overseas Development Institute, [S.l.], 7 dez. 2009. Disponível em: https://www.gov.uk/research-for-development-outputs/the-impact-of-the-global-financial-crisis-what-does-this-tell-us-about-state-capacity-and-political-incentives-to-respond-to-shocks-and-manage-risks-literature-review-part-1-the-effects-of-the-global-financial-crisis. Acesso em: 28 abr. 2022.

MCNEILL, William H. What We Mean by the West. *American Educator*, v.24, n.1 p.10-15,48-49, 2000.

MCNEILL, William H. *The Rise of the West*. Chicago: The University of Chicago Press, 1963.

MEARSHEIMER, John J. Bound to Fail: The Rise and Fall of the Liberal International Order. *International Security*, vol. 43, n. 4, p. 7–50, 2019.

MERLE, Renae. A guide to the financial crisis — 10 years later. *The Washington Post*, [S.l], 10 set. 2008. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/business/economy/a-guide-to--the-financial-crisis--10-years-later/2018/09/10/114b76ba-af10-11e8-a20b-5f4f84429666_story.html. Acesso em: 26 abr. 2022.

MEARSHEIMER, John J. *The Tragedy of Great Power Politics***.** New York: Norton, 2001.

MEDEIROS, Klei; CATTELAN, Pedro Henrique Prates. O Significado e os Reflexos do BREXIT: Crises no Centro do Sistema, Nacionalismos e Reações aos Processos de Integração Regional. *Bol. Conj. Nerint*, v.1, n. 2, p. 1-83, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/43408943/Boletim_NERINT_v_1_n_2. Acesso em: 10 mai. 2022.

MORAES, Reginaldo Carmello Correa de. *A economia política do governo Obama***.** João Pessoa: Editora da UFPB, 2017.

MUNGIU-PIPPIDI, Alina; MINDRUTA, Denisa. Was Huntington Right? Testing Cultural Legacies and the Civilization Border. *Int Polit*, n. 39, p. 193–213, 2002.

NAÇÕES UNIDAS. O que são as mudanças climáticas? *ONU Brasil*, [S.l.], 2022?. Disponível em: https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-sao-mudancas-climaticas. Acesso em: 26 jun. 2022.

NOEL, Andrea. The Year the 'Pink Tide' Turned: Latin America in 2015. *Vice News*, [S.l.], 29 dez. 2015. Disponível em: https://www.vice.com/en/article/wjazpy/the-year-the-pink-tide-turned--latin-america-in-2015. Acesso em: 26 jun. 2022.

NORRIS, Pippa. Is Western democracy backsliding? Diagnosing the risks. *The Journal of Democracy Web Exchange*, April, 2017. Disponível em: https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=2933655. Acesso em: 22 abr. 2023

OSMANI, Ädris. *The Economic Policies of the 2009-2015 Obama Administration:* An Assessment. München: Grin Verlag, 2017.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Um País Dividido.*Carta Capital*, [S.l], 7 nov. 2020. Disponível em: https://www.cartacapital.com.br/artigo/um-pais-dividido/.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. Os Estados Unidos de H. Bush a Donald J. Trump (1989/2017):Dinâmicas Políticas de Consenso e Polarização. *Revista Esboço*, v. 4, n. 38, p. 339-359, de. 2017.

PEREIRA, Diego Martín. A "Dark Root" of Global History: Contributions Made by Oswald Spengler and Arnold Toynbee. *BJIR*, v. 10, n. 3, p. 677-698, 2021.

RHEE, Semy. *Post-War Europe:* The Waste Land as a Metaphor*. Tese sênior apresentada para o cumprimento parcial dos requisitos para a graduação no Honours Program da Liberty University,* verão de 2012. Disponível em: https://digitalcommons.liberty.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1285&context=honors. Acesso em: 10 mai. 2022.

ROYDE-SMITH, John Graham; EDITORS. World War I. Killed, wounded, and missing. *Encyclopaedia Britannica*, [S.l.], 2022. Disponível em: https://www.britannica.com/event/World-War-I/additional-info#history. Acesso em: 26 abr. 2022.

RUSSETT, Bruce M. et al. Clash of Civilizations, or Realism and Liberalism Déjà Vu? Some Evidence.*Journal of Peace Research*, n. 37, p. 583 - 608, 2000.

SAID, Edward. The Clash of Ignorance. *The Nation*, Outubro de 2001, [Online]. Disponível em: https://www.thenation.com/article/archive/clash-ignorance/. Acesso em: 21 abr. 2023.

SAID, Edward W. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SARDO, Igor Estima. A crise de 2008 sob análise das transições de ciclos sistêmicos de acumulação de Giovanni Arrighi. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Ciências Econômicas, Curso de Relações Internacionais, Porto Alegre. 2021. Disponível em: https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230647. Acesso em: 28 abr. 2021.

SEN, Amartya. Democracy as a Universal Value.*Journal of Democracy*, v. 10, n. 3, p. 3-17, 1999.

SILVA, Fábio José Ferreira da e Fonseca, Fernando de Aquino. Efeitos da crise financeira de 2008 sobre o desemprego nas regiões metropolitanas brasileiras. *Nova Economia* [online], v. 24, n. 2, p. 265-278, 2014.

SPENCE, Jonathan D. *Em Busca da China Moderna*: Quatro Séculos de História. São Paulo: Editora Schwarcz, 1996.

SPENGLER, Oswald. *A Decadência do Ocidente:* Esboço de uma morfologia da História Universal. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

STUENKEL, Oliver. *BRICS*: e o futuro da ordem global. 1. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz & Terra, 2017.

STUENKEL, Oliver. *O mundo pós-ocidental*:Potências emergentes e a nova ordem global. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

SYMONS, Xavier. T.S. Eliot's "The Waste Land" — more relevant than ever, a century later. *ABC*, [S.l.], 2 jun. 2022. Disponível em: https://www.abc.net.au/religion/t-s-eliot-the-waste-land-relevant-a-century-later/13911320. Acesso em: 26 jun. 2022.

TERZI, Alessio. The 'Roaring Twenties': Revisiting the evidence for Europe. *VOX EU CEPR*, [S.l.], 2 abr. 2021. Disponível em: https://voxeu.org/article/roaring-twenties-revisiting-evidence-europe. Acesso em: 28 abr. 2022.

TIAN Dewen. What's Wrong with the "Clash of Civilizations"?. *China Watch, v*ol. 2, n. 5, 2022, [Online]. Disponível em: https://china-cee.eu/2022/02/09/whats-wrong-with-the-clash-of-civilizations/. Acesso em: 21 abr. 2023.

VISENTINI, Paulo G.F.. *A II Guerra Mundial:*1931/45.Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *Século XXI:* impasses e conflitos.Porto Alegre: Leitura XXI, 2017.

VISENTINI, Paulo Fagundes. *O Desafio do Oriente na Crise do Ocidente:* Estudos sobre a conjuntura e a estrutura (2019-2021).Porto Alegre, RS: Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia (ISAPE), 2022.